FOLHA DE S.PAULO
★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
Publicado em 05/02/2022 - 05:59

**Putin e Xi decidem selar aliança contra Otan e EUA**



**mundo**

# Putin formaliza entrada na Guerra Fria 2.0 ao lado de Xi contra os EUA

Líderes se encontram e declaram 'amizade sem limites' em resistência a pressão ocidental

Igor Gielow

SÃO PAULO Os líderes da China e da Rússia formalizaram nesta sexta (4) uma aliança que vinha ganhando corpo nos últimos anos contra as políticas ocidentais personificadas na agenda dos Estados Unidos, apontada como "abordagem ideologizada da Guerra Fria".

Assim, Xi Jinping e Vladimir Putin concordaram em um comunicado em denunciar a expansão da Otan, a aliança militar ocidental, que está no cerne da grave crise em curso na Ucrânia, e também os pactos militares americanos na região do Indo-Pacífico.

Esses são os exemplos mais vistosos, mas não únicos, do texto de 5.300 palavras em russo divulgado pelo Kremlin, do que ambos os líderes chamaram de "amizade sem limites" entre Pequim e Moscou. Algo "sem precedentes", na voz de Putin.

Vistosos por exemplificar os principais problemas estratégicos que afetam, respectivamente, o maior país do mundo que formava o centro da União Soviética e a segunda maior economia global, uma ditadura comunista adepta da economia de mercado.

"As partes se opõem à expansão adicional da Otan e pede que a aliança abandone a abordagem ideologizada da Guerra Fria", diz o texto. Putin tem cerca de 130 mil homens mobilizados em torno das fronteiras ucranianas.

O movimento inicialmente parecia visar a resolver o status do conflito no leste do país entre rebeldes pró-Rússia e Kiev, mas a questão virou algo maior: a definição de uma paz europeia em termos aceitáveis para o Kremlin, o que não inclui a Ucrânia como integrante da Otan e mesmo a presença de armas ofensivas em membros do Leste Europeu do clube. Os Estados Unidos e a aliança rejeitaram o ultimato, e o impasse prossegue.

No entorno chinês, a Guerra Fria 2.0 movida em reação à assertividade de Xi já causou conflitos com os EUA: rivalidade comercial e tarifária, disputa sobre a autonomia de Hong Kong, provocações nas rotas marinhas que Pequim considera suas e a ameaça da China de tomar Taiwan.

"As partes se opõem à formação de estruturas de blocos fechados e campos opostos na região da Ásia-Pacífico e permanecem altamente vigilantes sobre o impacto negativo da estratégia americana no Indo-Pacífico para a estabilidade e paz na região."

No ano passado, o governo de Joe Biden formalizou um novo pacto militar com Austrália e Reino Unido e reavivou a aliança Quad (com australianos, japoneses e indianos).

Se alguém tinha dúvida acerca do afinamento entre Xi e Putin, eles resolveram desenhar suas intenções. Elas incluem esforços conjuntos contra "revoluções coloridas".

Putin e Xi Jinping pouco antes da foto oficial do encontro de ambos em Pequim Aleksei Drujinin/Kremin/Sputnik/Reuters

Este é o nome genérico e de assimilação midiática fácil àquilo que Moscou chama de golpes para derrubar governos pró-Kremlin na antiga periferia soviética.

Elas ocorreram em locais como Ucrânia e Geórgia e não acabaram bem de todo modo. A China acusa os Estados Unidos exatamente da mesma coisa ao patrocinar os movimentos pró-democracia de Hong Kong, que foram esmagados com mão de ferro após a revolta de 2019, e o governo taiwanês.

O encontro de Xi e Putin ocorreu antes da abertura dos Jogos Olímpicos de Inverno.

O evento em Pequim foi boicotado diplomaticamente por autoridades do Ocidente.

**Ucrânia testa armas americanas para tentar deter russos**

A Ucrânia começou a testar nesta sexta (4) as armas recebidas dos Estados Unidos para tentar desestimular uma eventual invasão russa, medo exacerbado pela mobilização militar em suas fronteiras promovidas pelo governo de Vladimir Putin. As manobras foram na base de Iavoriv, no oeste do país. Foram testados mísseis antitanque, lançadores de foguetes e outras armas do pacote de US$ 200 milhões fornecido pelos EUA a Kiev nas últimas semanas.

Não é feita menção no documento a aspectos práticos já em curso, como a crescente cooperação militar entre as duas potências e os grandes projetos de energia, que são a chave e o limite da associação. Do ponto de vista militar, Rússia e China são rivais históricos, e seria surpreendente se chegassem a uma aliança formal.

Economicamente, a deferência política de Xi a Putin embute o risco percebido em Moscou de que a Rússia pode se tornar uma província energética da China, ofertando gás natural barato por meio de um projeto de US$ 400 bilhões chamado Força da Sibéria.

Para o russo, contudo, é uma saída única. Se a pressão americana sobre países como a Alemanha (que está adiando a abertura de um novo gasoduto a ligá-la diretamente à Rússia) ou uma ruptura devido a uma guerra na Ucrânia ocorrerem, o mercado europeu dominado pela Rússia pode se fechar ao gás de Putin.

A China, cujo consumo anual deve ultrapassar o europeu até o fim da década, pode oferecer uma linha vital para a economia russa, que de resto tem enfrentado bem as sanções que se abatem desde a anexação da Crimeia, em 2014.

Naquele ano, um arremedo de "revolução colorida" derrubou o governo pró-Kremlin de Kiev. A anexação e o fomento à guerra civil no leste ucraniano foram as respostas imediatas de Moscou.

O encontro foi altamente coreografado e, apesar de ambos os líderes serem conhecidos pelos cuidados extremos para não contrair Covid-19, não houve máscaras ou distanciamento. Trata-se da primeira reunião deles desde a pandemia de coronavírus, e a 38ª desde que Xi assumiu, em 2012.

"Estamos trabalhando juntos para trazer à vida o verdadeiro multilateralismo. Defendendo o real espírito da democracia serve como uma fundação confiável para unir o mundo nas próximas crises", diz Xi, resumindo falas passadas.

A visão, contraditória a olhos ocidentais por partir do líder de uma ditadura, é compartilhada por Putin. Ambos denunciam a defesa de valores democráticos feita pelos EUA como hipócrita, já que há exemplos de sobra (Iraque, Afeganistão) de que ela pode ser forçada por meios militares, gerando tragédias.

Os americanos não comentaram oficialmente a declaração de chineses e russos. O diplomata Daniel Kritenbrink, responsável por assuntos ligados à Ásia no Departamento de Estado, se limitou a dizer que Xi "deveria ter sido o líder de uma potência responsável" e usado o encontro desta sexta para ajudar a reduzir as tensões com Kiev.

A principal diferença entre Pequim e Moscou até aqui é a abordagem externa. Xi se vale de instrumentos econômicos, enquanto Putin não hesita em flexionar musculatura militar.

Do lado ocidental, o exemplo cotidiano da repressão nos dois rivais é suficiente para fazer a acusação de hipocrisia no sentido contrário. A Guerra Fria 2.0, o embate que define o século 21, acaba de ganhar um terceiro participante oficialmente, vindo da primeira encarnação do conflito.

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

**Seção:** Mundo **Caderno:** A **Pagina:** 12

Copyright © Clipclap 2025.